

Por amor a Ann



Condensado do livro de

James Copeland

Baseado no diário de Jack Hodges

Havia algo essencialmente estranho em relação a Ann – alguma misteriosa desordem mental que nem os especialistas conseguiam explicar ou minorar. Seus pais, Jack e Ivy Hodges, eram pessoas de poucos recursos, que viviam na zona industrial de Manchester, Inglaterra. Tinham uma educação limitada, mas o amor que dedicavam à filha, linda e profundamente perturbada, deu-lhes a coragem de lutar e começar a compreender seus problemas. Com paciência, determinação e inteligência, realizaram o quase-milagre de trazer à vida a mente adormecida de uma criança autista

Por amor a Ann

James Copeland

O MÉDICO limpou a garganta e explicou com suavidade: «Lamento ter que dizer-lhes isto, mas os exames demonstram que é praticamente impossível que a filha de vocês possa receber educação e venha a reconhecê-los como pais.

Jack e Ivy Hodges olharam tristemente um para o outro. Ivy lutou para não chorar.

Ao lado deles, estava uma garota numa cadeira, a balançar-se monotonamente para trás e para frente. Seus grandes olhos azuis fitavam o vazio – alheados. Uma criança encantadora, de pele acetinada e cabelo castanho que saía em duas tranças de sua boina azul. Ann Hodges tinha seis anos e oito meses. Estava imersa em seu próprio mundo, indiferente à reali-

dade exterior, insensível à beleza e aos estrépitos de alegria.

Ao sair do hospital, Jack e Ivy não tentaram segurar a mão da menina, pois sabiam que isso só iria provocar um berro, uma cuspidela ou um grito selvagem. Também não tentaram pegar o ônibus ou um táxi, uma vez que lhe iria provocar igual reação. Em vez disso, então, foram caminhando os oito quilômetros que separavam o hospital de sua casa em Salford, subúrbio de Manchester, Inglaterra. Com um gesto que se tinha tornado automático, guiavam a criança tocando-lhe no ombro quando ela corria perigo de sair da calçada.

A princípio, estavam deprimidos demais para falar, mas, quando Jack e Ivy chegaram a casa, já tinham tomado as seguintes decisões: 1) Ann não seria mandada para uma clínica de doentes mentais como o médico tinha sugerido; 2) Recusaram-se terminantemente a aceitar que ela fosse incurável. Para eles, uma criança tão bonita e perfeita como Ann não podia ser retardada mental – não fazia sentido.

Esquizofrênica e psicopata – estes foram os nomes que o médico empregou para descrevê-la, naquele dia de setembro de 1958. Na verdade (e os Hodges desconheciam isso durante muitos anos), Ann era autista. Esta palavra, criada em 1943 pelo psiquiatra norte-americano Leo Kanner, deriva do grego *auto*, que significa

«próprio». Aplica-se às crianças que, embora tendo boa memória, habilidade manual, vista e audição perfeitas, não conseguem se comunicar com o mundo exterior, exceto em nível muito básico.

Sabe-se que, em cada dez mil crianças, cerca de quatro são afetadas por autismo. Este estado revela-se logo ao nascer ou começa a aparecer por volta dos dois ou três anos. O problema principal parece residir no funcionamento das partes do cérebro que coordenam as idéias abstratas e o desenvolvimento da linguagem. Pode ser devido a um crescimento muito lento dessas zonas do cérebro ou propriamente a uma lesão cerebral (talvez por grave infecção ou por alguma forma de choque). Qualquer que seja a causa, as crianças autistas não conseguem perceber o que vêem e o que ouvem. Acham difícil aprender habilidades normais, permanecem pueris e difíceis. Por vezes, como se provou ser o caso de Ann, têm tal pavor do mundo que não conseguem perceber que se fecharam num pequeno meio artificial que tentam a todo custo não modificar.

Hoje em dia, os casos de autismo são muitas vezes diagnosticados mais cedo e, com os métodos modernos de aprendizagem, algumas crianças reagem bem. Em 1958, porém, isso era pouco conhecido, e Jack e Ivy estavam sozinhos, sem auxílio. Nessa noite, antes de adormecerem, fizeram

um pacto. Fosse o que fosse que acontecesse, não desistiriam de procurar uma maneira de chegar até Ann, mesmo que isso levasse a vida inteira. Ninguém iria separá-la deles.

Decidiram também registrar tudo que ela fizesse, na esperança de encontrarem uma pista para sua mente perturbada. No dia seguinte, Jack começou anotando tudo de que se lembrava sobre Ann desde o dia em que ela nasceu. Ao longo dos anos, foi fazendo um registro diário em pedaços de papel e em velhos cadernos de apontamentos. Esta narrativa baseia-se nesse diário.

«Uma criança maravilhosa»

ANN nasceu a 10 de janeiro de 1952, no n.º 28 da Mayor Street, em Salford. Era uma rua estreita, feia e povoada, mas, para Jack e Ivy, que em jovens passaram a mais terrível pobreza na década de 1930, aquela pequena casa era pelo menos algo que podiam considerar seu. Jack acabara o serviço militar em 1947, era engenheiro e, com o país florescendo de novo, arranajara um emprego fixo. Tinha uma mulher encantadora e Leonard, um filho de dois anos, bem constituído. Quando a filha nasceu, a vida parecia correr-lhe às mil maravilhas.

Embora o parto não tivesse apresentado dificuldades, houve um incidente nessa manhã que, anos mais tarde, viria a ator-

mentá-los. A parteira, enquanto cuidava de Ivy, colocou o bebê aos pés da cama, sem o cobrir. Nas entradas e saídas dos vizinhos, houve alguém que deixou a porta da entrada aberta. Estava um dia excessivamente frio e, em poucos minutos, a criança ficou regelada — «roxa de frio», disse uma das comadres. Quando Jack chegou a casa, Ivy irrompera em prantos, e os vizinhos estavam embrulhando o bebê em cobertores aquecidos.

O incidente fora depressa esquecido e, à medida que as semanas passavam, todos se davam conta da tranqüilidade de Ann, uma criança maravilhosa. Chorava quando tinha fome — e só. Seu crescimento era normal e o peso também.

A certa altura, porém, surgiram pequenas dúvidas. Ann não dobrava o riso nem arrulhava como as outras crianças. Não emitia som nenhum. Sentava-se por si própria, mas nunca estendia os braços para que a erguessem ou embalsassem. Não reconhecia ninguém. As noites tornaram-se experiências alarmantes. Ficava estendida horas a fio fitando a luz que havia por cima do berço. Uma noite, Jack colou uma folha de papel sobre a lâmpada, mas Ann começou imediatamente a chorar — sem lágrimas, só um som seco e lamurioso que depois se transformou num grito horrorizante. O quebra-luz teve de ser retirado para se conseguir finalmente algum repouso.

Estes ataques de gritos iriam fazer parte do cotidiano dos Hodges. Aos seis meses, Ann começava a gritar toda vez que Ivy a tirava do carrinho para a cama. Sempre que tentavam dar-lhe comida com a colher, ela gritava até que lhe entregassem de novo a mamadeira. Conseguiram ministrarlhe alimentos meio sólidos com a colher quando, entre duas colheradas, lhe davam mamadeira. Só queria uma que tinha bico de borracha especial, mais nenhuma, a qual a família chamava de «Bonequinha» e que se tornou o centro das afeições da criança; ia com ela para todó lado.

Aos dez meses, Ann começou a mostrar vontade de andar. Tinha uma energia sem limites, e logo começou a correr pela casa toda, saltando sobre a mobília, caindo e tropeçando — sem nunca se queixar ou mostrar sinais de dor. Se alguém tentasse levantá-la, começava logo a dar aqueles gritos agudos e a se debater para se soltar. Era impossível fazer comparações com Leonard, que estendia os braços aos pais para abraçá-los, acariciá-los e tagarelar com eles horas a fio. Ann ficava sentada de olhos arregalados, sem prestar atenção a nada, e sem procurar qualquer espécie de comunicação.

O médico da família admitiu seu embaraço, pois a criança parecia fisicamente normal sob todos os aspectos. Ele disse a Jack e Ivy que tivessem paciência — com certeza que aquilo passaria ao crescer.

Então, Ivy ficou grávida de novo. Leslie, o segundo menino, nasceu em outubro de 1953. Ann tinha então 20 meses, e seu comportamento era indescritível. Cismava com determinada cadeira e ficava nela se balançando horas a fio. Depois, batia com a cabeça contra a parede e, se tentassem impedi-la, começava a gritar. Arrancava punhados de cabelos e os metia na boca.

A enfermeira social do distrito sugeriu que levassem Ann a um especialista. Desnorteadado, este os enviou a outros médicos, mas nenhum conseguiu dar uma explicação para o caso. Um dia, quando os Hodges iam caminhando na rua, depois de outra consulta infrutífera, um cão enorme veio correndo em direção de Ann. Esta ficou quieta e gritou; os gritos se tornaram mais fortes quando Jack quis pegá-la. Nesse dia, Ann gritou durante 16 horas, só se calando quando conseguiu adormecer, completamente exausta.

Jack e Ivy tornaram-se, pois, prisioneiros do lar, saindo um de cada vez com os meninos. Se tentassem levar Ann a passear (a menos que fosse no carrinho e com a capota levantada), os gritos recommeariam. Estavam com os nervos abalados de tanta preocupação e de pouco dormir. Jack, trabalhando à noite, chegava a casa às 8:15 da manhã para render Ivy, que tinha ficado acordada com Ann grande parte da noite. Ivy ia para a cama até a uma da tarde, e

depois se levantava para Jack descansar até a hora de ir trabalhar.

Os gritos de Ann foram aumentando em duração e intensidade. Numa noite, a aflição foi tamanha que um policial de ronda chegou a bater-lhes à porta, convencido de que a criança estivesse sendo atacada. Ambos, perturbados, tentaram explicar-lhe da melhor maneira, mas nunca esqueceram a vergonha que sentiram nessa noite.

Quando Ann fez quatro anos, Jack e Ivy continuavam consultando vários médicos. O resultado de um teste de Q. I., dado por uma clínica de orientação infantil, foi zero. Os examinadores se sentiam demasiado constrangidos para dizer aos pais. Um dos psiquiatras fez-lhes demorados questionários durante várias entrevistas. Finalmente, disse-lhes que achava que a filha estava sofrendo de «distúrbio emocional». Sua mente, segundo ele, estava fortemente envolta num espesso véu que não podia se desvanecer; ela não tomava em consideração nada que não conseguisse compreender. O médico estava relutante em arriscar uma opinião sobre as possibilidades de cura.

Os dias sem fim foram se tornando meses... anos. Jack e Ivy compraram para a filha uma cadeira estofada na qual ela se sentava à porta da entrada nos dias bonitos se balançando e sugando a mamadeira. Agora tinha começado a fazer caras estranhas, para

nada em especial; às vezes, soltava fortes gargalhadas e guinchos de aparente alegria. A primeira vez que isso aconteceu, Ivy ficou radiante, e correu a abraçá-la, mas o riso imediatamente se transformou em gritos. Afinal não tinham significado algum.

Jack e Ivy deixaram Ann com sua obsessão pela cadeira de balanço. Desistiram de tentar ensinar-lhe a ser limpa, limitando-se a darem-lhe as coisas essenciais, obrigando-a a alimentar-se, e medicando-a com aspirina de noite numa tentativa de reduzir-lhe os gritos. Detestavam fazer tal coisa, mas tinham de encontrar alguma paz — se não para eles, pelo menos para os dois filhos.

Um vislumbre?

QUANDO Ann tinha cinco anos e meio, decidiram tirar umas férias. Jack escreveu para uma pensão numa cidade de veraneio inglesa em Blackpool, explicando as «peculiaridades» da filha. A resposta foi comovente: seriam bem-vindos, Ann não constituiria problema.

Quando chegou o dia da partida para a grande aventura, Ann deixou que a pusessem na cadeirinha de rodas (com capota) que tinha substituído o carrinho, e a família saiu em direção à estação rodoviária. Mas, assim que tiraram Ann da cadeirinha, ela olhou para o interior do ônibus e saiu a correr. Ivy gritou. Jack, que estava ajudando a carregar a bagagem, vol-

tou-se para ver a criança correndo que nem uma lebre ao longo da calçada movimentada e ensopada pela chuva, sem prestar atenção ao intenso tráfego e ao cruzamento. Ele gritou, mas ninguém tentou parar a criança tomada de pânico. Depois, ela tropeçou e caiu de comprido numa poça de água. Jack alcançou-a e ergueu-a; apesar dos gritos dela, abraçou-a, beijou-a e levou-a de volta para o ônibus.

Os gritos pararam tão abruptamente como começaram. Quando sentaram Ann no banco traseiro e lhe deram a «Bonequinha», ela começou a se balançar em silêncio. Um passageiro ofereceu-lhe uma pastilha para a tosse. Ann arrancou-a da mão dele, levou-a ao nariz, cheirou-a e atirou-a no homem. Ele disse aos pais que a criança precisava de uma surra, mas Jack e Ivy estavam olhando para Ann, tão surpresos que nem tentaram justificar seu comportamento. Pela primeira vez, ela usara o sentido do olfato para apreciar algo comestível.

Para colocá-la à prova, Ivy pegou num chocolate que tinha na bolsa e ofereceu um pedaço a Ann. Esta levou-o ao nariz, cheirou-o e, desta vez, meteu-o na boca.

O resto do dia passou-se sem incidentes. A dona da pensão em Blackpool fez todo o possível para deixar a família à vontade. Arranjou-lhes uma pequena sala de jantar à parte, para que não ficassem embaraçados com as ma-

neiras «peculiares» de Ann estar à mesa. Depois que a senhora presenciou um dos «acessos» da garota, os pais perceberam que ela olhava para Ann longamente e com curiosidade.



Todas as manhãs de sol e de bom tempo, a família ia para a praia. Tentavam fazer a menina andar na areia dourada, mas ela apenas gritava; deixavam-na, portanto, ficar sentada na cadeirinha de rodas. No terceiro dia, os meninos andavam construindo castelos na areia. Jack e Ivy estavam estendidos em espreguiçadeiras bebendo o sol, e Ann se achava, como de costume, na cadeirinha se balançando para frente e para trás. Antes que alguém percebesse o que estava acontecendo, a cadeirinha tombou, atirando Ann na areia. Caiu de cara, pôs-se de pé atabalhoadamente, dando gritos terríveis – e desatou a fugir. Caiu de novo, levantou-se e correu, em desespero, para se ver livre da areia, mas não conseguia. Rodeava-a por todos os lados. Jack pegou-a, sentou-a de novo na cadeirinha, e os gritos cessaram.

Depois, de repente, meia hora mais tarde, Ann saltou da cadeirinha para a areia e deu um grito de prazer quando pegou uma mão-cheia dela; levou-a ao nariz e depois jogou-a fora. Durante o resto do dia (na verdade, até o fim das férias), passou o tempo todo a correr na areia juntando grandes mãos-cheias e atirando-as ao ar, com gritos de alegria.

Jack e Ivy estavam extasiados. No espaço de uma semana, Ann mostrara duas formas, se bem que mínimas, de identificação: primeiramente, com a pastilha para a tosse; depois, com a areia.

Quando regressaram a casa, tinham uma carta do psiquiatra da clínica. Queria que se tirasse uma radiografia da cabeça de Ann – o que se provou ser impossível. Ela não ficava sentada ou estendida quieta, gritava e arranhava quem tentasse segurá-la. Ao fim de meia hora de tentativas, todos concordaram que era inútil. Quando o médico soube dos progressos de Ann, levou-a para um quarto pequeno e mostrou-lhe uma caixa com areia e brinquedos. Ann deu um gorgolejo de prazer; não ligou aos brinquedos, mas pegou um punhado de areia e cheirou-a.

O médico foi amável mas inflexível. Jack e Ivy estavam se iludindo. Na opinião dele, os incidentes da pastilha para a tosse e da areia eram de pouca importância para o desenvolvimento de Ann.

Motivos de terror

JACK e Ivy decidiram se mudar da casa deles na Mayor Street para uma nos arredores da cidade. Era rodeada de árvores e de ar fresco, e eles sabiam que estavam fazendo o que mais convinha aos filhos. Para Ann, pensaram, não fazia diferença para onde quer que fossem.

A mudança, porém, deu um trabalhão. De certo modo, foi a fase em que as relações entre Ann e os pais estiveram piores. Ela já havia deixado a cadeirinha de rodas e, portanto, Ivy tinha de andar com ela a pé, guiando-a com to-

ques nas costas como se faz com um animal apático. Jack, que chegara à casa nova mais cedo com os meninos, no caminhão de mudanças, soube que a mulher e a filha estavam chegando, muito antes de vê-las. Aqueles gritos terríveis ecoavam através das ruas tranqüilas e ladeadas de árvores. Mesmo quando Ann entrou em casa, e se sentou na sua cadeira com Bonequinha, os gritos não cessaram; ao contrário, tornaram-se ainda mais fortes.

Os meninos estavam cansados e chorosos. Nunca haviam visto a irmã naquele estado. Tinham medo de ficar em casa com ela. Por fim, Jack armou a tenda no pátio dos fundos e deixou-os passar a noite lá. Então, perdendo a paciência, agarrou em Ann (que gritava, dava socos e pontapés) e levou-a para o andar de cima. Meteu-a num pequeno quarto vazio e fechou a porta a chave.

Durante a hora que se seguiu, Ann atirou-se ao chão e gritou. Na cozinha, Jack e Ivy tentaram se abstrair do que estava se passando lá em cima. Depois, o silêncio — doce paz. Subiram devagarinho e abriram a porta. Ann jazia inconsciente no chão. Tinha batido de propósito com a cabeça contra a parede com tanta força que perdera os sentidos. Jack caiu de joelhos ao lado dela e chorou. Então, enquanto Ivy acariciava suavemente a criança, que não se deixaria tocar em qualquer outra ocasião, ele telefonou para o médico.

Ann não voltou a gritar durante dois dias. Era como se tivesse esgotado todas as energias numa grande descarga de histerismo. Dentro em pouco, voltou à rotina habitual. Jack e Ivy fizeram tudo para evitar que Ann tivesse de novo uma de suas fúrias, mas era difícil, pois nunca percebiam o que ocasionava os gritos terríveis. Em algumas vezes, uma ninharia parecia provocá-los; em outras, nada mesmo.

Até que um dia fizeram uma descoberta surpreendente. Em vez de abrirem as cortinas de manhã, como de hábito, Ivy deixou-as fechadas e acendeu a luz. Ela tinha reparado que Ann assim não gritava tanto. Desta vez, a garota foi direto para a cadeira e sentou-se, chupando na Bonequinha com satisfação. Então, de repente, Ivy puxou as cortinas — e o efeito foi imediato. Ann cobriu os olhos com as mãos e gritou. Ivy fechou de novo as cortinas e os gritos cessaram.

Lá fora, havia um alto arbusto de alfena que se agitava ao vento. Ivy tinha agora certeza de que era esse o motivo do terror de Ann. Quando explicou sua teoria a Jack, ele saiu e cortou o arbusto. Fizeram de novo a experiência da cortina. Desta vez Ann não gritou quando olhou pela janela. Na verdade, a partir desse dia, Ann pareceu aceitar seu novo lar. Os pais chegaram à conclusão de que o que tinha provocado aqueles gritos quando ela chegou à nova re-

sidência fora a visão de árvores se agitando e da grama ondulando – motivos de terror para uma criança que passara a vida inteira entre paredes de tijolo e cimento e que, de certo modo, não apreendia o mundo exterior como as outras. Agora, pensaram eles, se a observassem com atenção, talvez detectassem e eliminassem outros temores.

Veio depois aquele dia de setembro de 1958 em que, numa das visitas à clínica, lhes disseram que Ann era esquizofrênica e possivelmente devia ser internada numa clínica para doentes mentais. Desta vez, porém, não seguiriam nenhum dos conselhos do médico. Mesmo se os entendidos não pudessem encontrar uma solução para os problemas da filha, eles, como pais, não deixariam de pensar que haveria alguma.

Lágrimas de verdade

DEPOIS de Jack e Ivy se terem comprometido a manter Ann em casa e a fazer todo o possível para descobrirem uma maneira de penetrar em seu íntimo, uma espécie de paz imposta caiu sobre eles. O cansaço desapareceu, e notaram que estavam tendo menos brigas do que anteriormente. Percebendo, também, que os filhos necessitavam igualmente deles, revezavam-se para levá-los a passeios pela floresta ou a pescarias no rio.

Depois do sétimo aniversário de Ann, decidiram ir de novo a

Blackpool. No primeiro dia que foram à praia, mal conseguiram respirar enquanto Ann olhou para a areia durante uns minutos. Depois correu por ela, pegando-a aos punhados e atirando-a ao ar com satisfação, como se tivesse encontrado um velho amigo. Descobriu uma poça que se formara na maré baixa. Tocou-a com a ponta do pé, depois mergulhou esta na água e, então (alegria das alegrias!), deitou-se na poça a sorrir.

Jack apercebeu-se do significado disto só muito depois de terem chegado em casa no fim daquelas férias gloriosas. Havia um pressentimento de que estava próxima uma abertura. Uma noite, enquanto se agitava e revirava na cama, passaram na sua mente meio adormecida pensamentos e sonhos sobre Ann. Depois, uma voz sussurrou-lhe uma palavra: *Violência*. A voz não se calava. Tornou-se mais alta em seu espírito, mais insistente: *Violência, violência*.

«Violência!», gritou ele, e Ivy sentou-se na cama completamente desperta.

Jack também se sentara, os olhos brilhando de excitação. No dia em que, fugindo do ônibus, caiu na poça, Ann descobrira que a água não lhe fazia mal. A areia tornou-se para ela um divertimento depois de a cadeirinha ter tombado fazendo-a cair de cabeça no chão. Força física era a chave para penetrar naquela mente perturbada, explicou ele a Ivy. A vio-

lência acidental acabara com o terror de Ann pela areia e pela água. Então, se usassem a força (se lhe batessem quando ela fizesse algo que eles não queriam) não conseguiriam o mesmo resultado? Não poderia ser usada a violência para curá-la de seus temores?

Ivy estava horrorizada. Nenhum deles tinha levantado a mão quando estava enfurecido com a filha. Não poderia isso ter efeito desfavorável e mergulhá-la ainda mais em seu pequeno e obscuro mundo? — perguntava Ivy. Jack estava decidido e persuasivo. Tivera um sonho, uma visão, e estava certo de ter encontrado a chave dos problemas de Ann. Por fim, resolveram que iriam fazer essa experiência com um problema em particular — os hábitos alimentares de Ann. Se falhassem, não tentariam de novo.

Até então, traziam-na em sua cadeirinha para a mesa e forçavam-na a comer enfiando-lhe a colher na boca. Ela não a segurava. Quando não queria mais comer, cuspiu o que tinha na boca, como um bebê. À hora do jantar, no dia seguinte, Ivy levou muito tempo preparando a refeição. Trouxe depois a filha para a mesa, olhou para ela e fechou-se na cozinha.

Não fazendo caso dos gritos da garota, Jack pegou nela e sentou-a violentamente à mesa, numa cadeira de costas retas. Os filhos fugiram para junto de Ivy depois de verem com horror o pai dar uma bofetada em Ann para ela

parar de se debater. Nunca o tinham visto agir daquela forma. As bofetadas deram resultado. Ann abriu muito os olhos e parou de gritar. Jack pegou na colher dela e forçou-a a segurá-la. Ann gritou e jogou-a fora. O pai deu-lhe uma bofetada com força. Pegou outra vez na colher e pôs-lha na mão. Ela jogou-a novamente ao chão e levou outra bofetada. Mais uma vez os gritos cessaram. Jack pegou na colher e meteu-a novamente na mão dela. Obrigou-a a enchê-la de comida e a levá-la à boca. A menina cuspiu e gritou, mas engoliu grande parte da colherada. Toda vez que resistia, levava uma bofetada. Pouco a pouco, os gritos foram diminuindo, e ele obrigou-a a meter mais comida na boca segurando-lhe na mão. As lágrimas ofuscavam-lhe os olhos, misturando-se com o suor que corria a fio pelo rosto. Limpou-as com as costas da mão. Tinha começado uma coisa que levaria até o fim.

No fim da refeição, Ann Hodges havia-se alimentado sozinha pela primeira vez. Tinha pouco mais de sete anos.

Jack pegou a filha e a pôs de novo na cadeirinha. Enquanto se balançava, lágrimas (lágrimas verdadeiras) começaram a correr-lhe lentamente pelas faces. Ivy e os meninos estavam de pé à porta da cozinha. Ela correu a abraçar a filha. Ann defendeu-se, mas não com tanta veemência como antes. Jack e Ivy deram-se as mãos e se beijaram. Os meninos, sem com-

prender, mas pressentindo que algo de maravilhoso havia acontecido, abraçaram os pais. Constituíam uma família unida. Ann tinha finalmente se juntado a eles.

Mãos férreas

NÃO havia tempo a perder. Jack tirou uma semana de férias e continuou com seu sistema rígido para conseguir que Ann se alimentasse sozinha. Toda vez que ela o fazia direito, os pais davam-lhe carinhos. No fim da terceira semana, as carícias já eram mais freqüentes que as bofetadas. Ann estava agora se alimentando sozinha, embora insistisse em cheirar cada colherada antes de metê-la na boca. Em seu desconhecimento e desespero, Jack e Ivy Hodges tinham adotado aquilo que hoje se considera um método eficaz de treinamento de crianças autistas – recompensa e castigo.*

Ampliando o sistema, estavam decididos a encarar as deficiências da filha, uma de cada vez, e a superá-las. Começaram por tomar-lhe a mão e forçá-la a andar pela casa com eles tocando nos inúmeros objetos que ela temia. Quando resistia, eles a castigavam. Tinha que ser assim. Aos poucos, à medida que as semanas exausti-

vas se passavam, a resistência da criança ia diminuindo.

Jack encorajou os meninos a levarem Ann pela mão e a lhe mostrarem coisas da casa e do jardim. Como eram muito jovens, fizeram daquilo uma brincadeira. Pareciam perceber que a irmã, que os ignorara durante tanto tempo, estava agora procurando se tornar igual a eles. De fato, uma noite, cerca de dois meses depois de ter começado o treinamento, Ann saiu de sua cadeira, dirigiu-se a Leonard, pegou-lhe a mão, levou-o até a pia da cozinha e apontou para a torneira. Ele encheu-lhe um copo de água, que ela segurou e bebeu. Foi um momento que guardaram no coração – embora ela tivesse deixado cair o copo no chão.

Ann ficava a olhar, também, enquanto os meninos brincavam com seus carrinhos. Por fim, aprendeu a segurar num carro com a mão e a rodá-lo no chão, tal como eles faziam. Os carrinhos tornaram-se seu brinquedo favorito. Jack estava agora certo de que havia uma porção de inteligência considerável naquele pequeno ser que estava esperando ser libertado.

Anteriormente, tinham decidido que o treinamento para a higiene não seria a primeira fase da sua educação, mas agora já era tempo de começar com ele também. Ivy obrigava Ann a ir para cima a horas certas e a sentava no sanitário. Perfeitamente familiarizada com o método de recompensa-castigo, batia na criança cada vez que ela se

* Psiquiatras aconselham a utilizar com moderação a técnica recompensa-castigo. Em alguns casos, o abuso da força pode provocar na criança desespero exagerado, sendo talvez mais apropriada outra forma de disciplina, como a reprimenda.

debatia e gritava. Daí a semanas, Ann passou a ir sozinha ao toalete.

Em seguida, combinaram fazê-la reagir à voz humana. Parecia olhar direto para os olhos da pessoa que estava falando com ela. Então, sempre que fosse possível, olhavam-na de frente, davam-lhe um tapinha no nariz e gritavam seu nome. Até as visitas da casa eram incitadas a fazer isso. Durante semanas, não houve progressos. Então um dia, Leonard, que vinha da escola, deu-lhe um tapa na cara e gritou seu nome. Não se viram sintomas de reconhecimento, mas, quando ele se virou, os olhos dela seguiram seu movimento. Ele correu a contar a Ivy, que tentou a mesma experiência e descobriu que os olhos da criança seguiam cada um dos seus movimentos. A partir desse momento, sempre que a chamavam pelo nome, Ann olhava nessa direção.

Fazer com que ela viesse quando chamada foi mais difícil. Começaram por pô-la nos joelhos de Jack, mas seus gritos abafavam a ordem e não houve bofetadas que valessem. Em seguida, os meninos seguravam-na e Ivy dizia: «Ann, vem cá!» – e eles a encaminhavam na direção certa. No entanto, assim que a largavam, Ann corria a se sentar em sua cadeirinha e começava a se balançar. Então, numa noite, Ivy tirou-lhe um carrinho das mãos e fugiu com ele. Ann imediatamente se levantou e a seguiu, tentando reaver o carro. Depois, foram repetindo esta expe-

riência e finalmente conseguiram pôr de parte o carro e simplesmente chamá-la pelo nome.

Ao fim de seis meses de esforço concentrado, Jack e Ivy fizeram o balanço. Ann já comia sozinha, fazia sua higiene sem ajuda de ninguém, e se comunicava levando a pessoa pela mão. Respondia se a chamavam pelo nome e mostrava pouca relutância quando a abraçavam. Já suplantara muitos de seus temores. Perceberam, no entanto, que estavam pondo um terrível fardo sobre a filha e eles próprios. Tudo o que uma criança aprendia durante seu desenvolvimento normal tinha de ser ensinado a Ann. O pior era que se achavam aterrorizados com a possibilidade de estarem procedendo de maneira desastrosa. Tinham vergonha de contar para alguém os métodos que vinham utilizando, com medo de que os achassem cruéis. Contudo, tinham decidido não ceder.

«Se ela conseguisse falar»

FOI um trabalho lento e penoso. Ainda havia dias em que Ann ficava alheia se balançando em sua cadeira, chorando baixinho, mas eles começaram a reparar que, quando ela saía dessas crises de profunda depressão, sua vontade de aprender aumentava de repente.

Depois de responder pelo nome, começou a aprender os nomes das partes do corpo. Ajoelhavam-se defronte dela, tomavam-lhe a mão e colocavam-na sobre o seu nariz,

dizendo «nariz» – até ela conseguir levar a mão ao rosto sozinha quando ouvia a palavra. Depois, começaram a ensinar-lhe as palavras «olhos», «boca», «ouvidos» e, de certo modo, depois de passar a fase do «nariz», tudo foi simples. Numa semana, ela já estava indicando e designando imediatamente a parte apontada.

Então, um dia, Jack apareceu em casa com um grande ábaco e um conjunto de cubos de madeira com o alfabeto inscrito. Nessa noite, começou uma de suas lutas mais demoradas.

Colocavam o ábaco no chão, seguravam no indicador de Ann, punham-no sobre a primeira conta e deslocavam-na da esquerda para a direita, dizendo «um»; em seguida, «dois», «três», «quatro». Noite após noite, assim fizeram, chegando até a contar em sonho. Quando Jack e Ivy, completamente exaustos, tinham que desistir, os meninos substituíam-nos, esquecendo rádio e televisão para se dedicarem exclusivamente às contas.

O «milagre» aconteceu quando já não podiam agüentar mais. Uma noite, ao pararem para jantar, Ann estava junto do ábaco, a que nunca dava atenção quando sozinha. De repente, pôs a mão na primeira conta e moveu-a da esquerda para a direita, fungando o nariz e produzindo um estranho ronco; depois a conta seguinte, e assim por diante até a última. A mesma idéia ocorreu às mentes de

Jack e de Ivy: *Ann estava aprendendo a contar.* Cada ronco representava um número. Puseram-na à prova. Logo que ela chegou à quarta conta, Jack segurou nas outras seis que faltavam. Ann parou de fungar. Quando ele retirou a mão, Ann moveu a quinta conta para a direita e fungou de novo – e assim sucessivamente da sexta até a décima. Quando já não havia mais contas, parou de fungar.

Jack e Ivy abraçaram-se de contentamento. Na noite seguinte, trouxeram os cubos. Ann colocou-os numa longa fila, depois espalhou-os pelo chão e começou a arrumá-los de novo, fungando o nariz toda vez que pegava num cubo. Quando tinha dez alinhados, começava uma nova fila, até arrumá-los todos em quatro filas de dez.

Não havia dúvidas. Ann estava usando o raciocínio, aplicando aos cubos o que aprendera com tanta dificuldade com as contas. Nas semanas seguintes, ensinaram-lhe a pegar de uma vez em quantidades diferentes de contas, conforme lhe mandavam. Foi extremamente fácil. Parecia que ela tinha feito isso a vida toda.

A visita semestral à clínica realizou-se pouco depois. O médico iria ter várias surpresas. Assim que ele abriu a porta do consultório, Ann foi direta à caixa de areia que tinha visto na última consulta. O médico ficou impressionado. Quando lhe contaram tudo que ela havia aprendido, viram que ele

não acreditava. Submeteu-a a testes com os cubos e as contas, e Ann não errou. Quando o exercício terminou, o médico estava perplexo. Tantos progressos eram quase um milagre, segundo ele. O ronco era obviamente um prelúdio da fala.

Entusiasmado, Jack perguntou ao médico se achava que Ann podia receber educação numa escola. A resposta foi: «Onde?» Sem falar, nenhum estabelecimento de ensino a aceitaria; no máximo, conseguiria internar-se num centro de recuperação para retardados mentais, mas ali as crianças iam mais para se sentirem satisfeitas do que para aprenderem a ler e a escrever. Por essa razão, o médico insistiu com os Hodges para continuarem seu penoso trabalho. «Se, pelo menos, ela conseguisse pronunciar algumas palavras, talvez houvesse uma chance», disse ele.

Murmúrios

SUA resolução era agora mais forte do que nunca. De alguma forma, haveriam de encontrar maneira de ensinar Ann a falar.

Passaram semanas ensinando-lhe nomes de objetos. Insistiram com os meninos para falarem com ela em frases muito simples, identificando as coisas («o casaco de Ann», «a mamãe de Ann», «o papai de Ann») dia após dia. A única resposta que lhes dava era fungando o nariz; não fazia qualquer tentativa para falar; nenhum som

estava querendo sair. Admitiram que ela não estaria ainda preparada, e voltaram às contas e aos cubos.

Jack já tentara ensinar a Ann o ABC, arrumando os cubos por ordem alfabética e orientando-lhe a mão para segurá-los. Dedicou-se firmemente a isso, mas, embora a aptidão da menina para contar os cubos o impressionassem, não havia dúvida de que ela não compreendia o alfabeto. Depois, Jack lembrou-se de lhe comprar um novo jogo de cubos com letras. Segurando na mão de Ann, fê-la pegar na letra A e colocá-la sobre outra igual até fazê-la completar dois conjuntos de letras. Em seguida, espalhou-os todos pelo chão e começou de novo... e de novo.

Assim foi, noite após noite. Por fim, uma noite em que Jack tinha espalhado os cubos pelo chão, Ann pegou muito simplesmente num, colocou-o sobre o seu correspondente e continuou sem falhar até completar a seqüência.

Então, fizeram o máximo para que ela identificasse as letras do alfabeto. Seguravam cada bloco em frente aos olhos dela e diziam o nome da letra vezes seguidas antes de deixá-la colocá-lo sobre o correspondente, mas ela reagia apenas com um fungar de nariz.

Ann estava agora com oito anos, e eles já tinham percorrido um longo caminho desde o dia em que Jack lhe dera uma bofetada para ela comer sozinha, 12 meses

antes. O balançar na cadeira já quase que fazia parte do passado. Só recorria a isso quando nada mais a ocupava. Portanto, durante o tempo em que ela estava acordada, eles se revezavam para mantê-la ocupada.

Talvez a parte mais maravilhosa de seu desenvolvimento tivesse sido o aumento do afeto pela mãe. Começou com um dos retrocessos de Ann. De repente, Ivy não suportou mais ver aquela criancinha balançar-se para frente e para trás em sua cadeira, e chorando baixinho. Esquecendo o quanto Ann detestava ser tocada, ajoelhou-se e

abraçou-a. Aos poucos, Ann ergueu os braços, pondo-os em volta do pescoço de Ivy e chorando no seu ombro. Depois disso, ela vinha para Ivy de tempos a tempos e tentava subir-lhe ao colo. Finalmente, Ann estava aprendendo a dar amor.

Quando Leonard fez anos, ofereceram-lhe um transístor, que ele carregava para todo o lado, mas uma manhã esqueceu-se de levá-lo para a escola. Ann pegou-o e, sem querer, ligou-o. Levou-o ao ouvido, sentou-se em sua cadeira e nem sequer começou a se balançar enquanto ouvia a música flutuar à



sua volta. Nesse momento sorriu. Foi, um sorriso de verdadeira alegria.

Para estimular seu interesse pela música, compraram-lhe uma harmônica. Ao fim de semanas de paciente esforço, os meninos ensinaram-lhe a produzir sons com ela. Ann ficou encantada. Jack e Ivy estavam certos de que o movimento de soprar e aspirar a ajudaria, se ela alguma vez tentasse falar.

Desde esse momento, os meses passaram, mas ela continuava sem falar. Numa memorável noite de março de 1960, porém, Jack e Ivy estavam vendo um programa de televisão enquanto as crianças brincavam no chão com seus carinhos. Uma briga gerou-se entre os meninos. Quando Jack lhes ordenou que ficassem quietos, eles continuaram a murmurar, com Leslie tentando tirar um carro das mãos de Leonard, dizendo «Dá!», e Leonard, inflexível, sem deixar. Seus murmurados «Dá!» e «Não!» foram-se repetindo durante vários minutos. Então, de repente, ouviu-se outro murmúrio. Ann segurava um carro numa das mãos e puxava-o com a outra, dizendo «Dá». Depois, largava-o e dizia «Não».

Jack e Ivy desligaram a televisão e juntaram-se aos filhos no chão. A briga dos meninos foi esquecida. Iam apontando objetos para Ann e iam dizendo os nomes deles, e a menina efetivamente repetia baixinho a seguir aquilo que ouvia. *Finalmente, Ann estava falando!*

Veredicto: Educável

AS PRIMEIRAS palavras de Ann não eram facilmente compreendidas a não ser pela família. Antes de pronunciar qualquer vocábulo, ela fungava. (O médico tinha razão — o fungar era o prelúdio da fala.) Ela só prestava atenção às palavras murmuradas e depois respondia também por murmúrios («Beber água», «Casaco», «Cadeira»), ou tentava dizer os nomes de objetos que lhe mostravam nos livros de gravuras.

Ao fim de semanas de estímulo, aprendeu a falar mais alto, embora sua voz permanecesse sempre suave. Por fim, Jack e Ivy marcaram uma entrevista com o médico do distrito escolar, que iria dizer se Ann estava apta a freqüentar uma das escolas de Salford.

O médico, pessoa muito ocupada, não pareceu de todo interessado no que eles contavam sobre o maravilhoso progresso de Ann. Ele próprio queria avaliar a capacidade dela. Fez-lhe um exame físico completo; depois, pegou em cartões com desenhos e pediu à menina que os identificasse. Ela só abriu a boca uma vez, para dizer que era um trem. «É uma locomotiva», disse o médico intransigente. Então, explicou a Jack e a Ivy que ela não tinha passado no teste e que não havia possibilidade de matriculá-la na escola.

Nesse momento, vendo anos de luta e de perseverança desfeitos numa entrevista de 15 minutos,

Jack rompeu com um hábito que tivera toda a vida: perdeu a paciência. Exigiu que o médico telefonasse ao psiquiatra infantil que vira Ann no hospital. O médico assim fez e, quando voltou, sua atitude tinha mudado. No entanto, embora estivesse cheio de admiração pelo que eles tinham conseguido e lhes dissesse que seus esforços estavam sendo levados em conta, eles saíram com a nítida sensação de que o médico não iria aprovar Ann.

Três semanas mais tarde, como ainda não houvessem tido notícias, Jack foi visitar um amigo que fazia parte do conselho municipal e convidou-o a ver em casa os progressos de Ann. O conselheiro, que já não via Ann há dois anos, ficou surpreendido com os progressos da menina. Levou uma fotografia dela e foi direto ao secretário da saúde do distrito para mostrá-la. «Uma criança magnífica», comentou o secretário. «É sua?»

«Não», disse o conselheiro. «É sua — e o senhor não está lhe dando importância.»

Uma semana depois, Jack e Ivy receberam a carta que estavam esperando. Ann seria submetida a uma tentativa numa pequena escola para educação de excepcionais. No dia seguinte, levaram Ann até lá para conhecer o diretor, George Glover, o homem que demonstrara habilidade fora do comum para se comunicar com crianças deficientes e retardadas.

Alguns dos seus métodos não eram muito ortodoxos, mas davam bons resultados.

Quando George Glover viu Ann, percebeu logo que ela estava seriamente perturbada, mas de maneira diferente das outras crianças excepcionais. Seu olhar era estranho — selvagem e não vago. A maneira como agia já ele observara anteriormente num menino da sua família. Normal até os dois anos, o menino um dia caiu numa enxurrada e nadou até que foi atirado contra uma tábua presa a uma das margens do rio. A pancada na cabeça foi fortíssima (souberam-no pelo galo que se formou), mas ele ficou ali agarrado, gritando. Quando por fim foi salvo, não conseguia falar ou comunicar-se de forma alguma; ficou completamente alheio, autista. Quanto a seu comportamento, quase se podia dizer que Ann e o menino eram gêmeos.

O período de testes de Ann seria de duas semanas. Glover tinha sido incumbido pelo chefe do serviço médico de simplesmente assistir a criança e fazer um relatório, mas, quando viu o entusiasmo dos pais, percebeu que negar à criança a oportunidade pela qual eles tinham lutado com tanto ânimo seria talvez o pior erro de sua carreira.

Quando anunciou a Jack e a Ivy que tinha de ser uma operação combinada, eles mostraram-se prontos a fazer tudo que ele sugerisse. Disse igualmente aos assis-

tentes que observassem Ann a todo momento, sempre que ela estivesse na escola. Pediu mesmo às crianças que se esforçassem por se tornar amigas dela e ajudá-la. «Falem com ela, mesmo que não responda. Nunca a deixem só. Façam-na sentir que a querem participando de nossa escola, de nossa família.» As crianças, que tinham todas seus próprios problemas, não puderam recusar. Demonstrações de amor brotaram delas, inundando a patética menina que fazia parte do grupo, embora fosse tão diferente.

No fim da segunda semana, George Glover pôde dizer ao chefe do serviço médico que, em sua opinião, Ann era uma criança que podia receber educação — e que ele a queria em sua escola.

Quase igual às outras

O COMPORTAMENTO de Ann ainda era imprevisível. Tinha acessos de gritos, dava bofetadas em si própria, tentava rasgar as roupas e batia com a cabeça na parede. Glover estava agora convencido de que a menina era autista. Ao contrário do que acontece com a maior parte das crianças excepcionais ou psicopatas, muitas das vezes era ela própria o alvo daquela violência — o que, como ele já observara, era uma característica das crianças autistas.

Mais tarde, especialistas confirmaram o diagnóstico. Embora jamais se venha a descobrir a causa

da anomalia de Ann, supõe-se que, no dia em que nasceu, quando a menina ficou «roxa», isso não se deveu ao frio, mas sim a uma parada da respiração. Provavelmente, nesses poucos segundos, ela se tornou autista, em virtude de choque cerebral.

Qualquer que seja a explicação, o fato é que Ann, após horas passadas junto a professores, diretores e outras crianças excepcionais, começou a comportar-se muito melhor na escola. Os acessos de gritos eram muito mais raros. A foniatria fê-la melhorar consideravelmente a fala. Todos sentiram enorme entusiasmo quando, após meses de treinamento, ela começou a ler e a escrever frases simples. A princípio, escrevia de trás para diante ou de cabeça para baixo, mas por fim conseguiu fazer direito. O professor também começou a ensinar-lhe trabalhos de agulha; o primeiro pano bordado que ela trouxe para casa ainda se acha entre as recordações de que Ivy mais se orgulha.

Ann estava agora se tornando obcecada com a fala. Repetia tudo que lhe diziam, e a família passou muitas noites insone por causa de sua tagarelice. Por vezes, a mesma ficava enraivecida quando não conseguia fazer-se compreender, e eles tinham de recorrer ao velho método das bofetadas para trazê-la à normalidade.

Assim, as semanas fizeram-se meses, marcadas por reveses e alguns pequenos triunfos. Houve

um dia em que Ann trouxe para casa uma corda de pular – presente de George Glover. Com a ajuda de Leonard e de Leslie, depois de horas de choro e de amarga frustração, ela acabou por aprender a pular observando como faziam as outras meninas da escola. Seus movimentos eram desajeitados, mas, pela primeira vez, estava conseguindo tomar parte numa simples brincadeira infantil. Depois, mostrou-se interessada em bonecas. Insistiu em cortar-lhes o cabelo e vestir-lhes calças e paletós como os irmãos usavam, embora lhes desse nomes femininos (Susan, Jane e Janet), que eram os de suas amigas da escola.

Havia muito que ela se recusava a dormir em outro quarto que não fosse o de Jack e Ivy. Então, um dia, quando estavam todos visitando um casal amigo, eles lhe mostraram o quarto da filha. Logo que chegaram a casa, Ann pegou Ivy pela mão e levou-a ao andar de cima, ao quarto onde ela tinha passado aquele terrível e atribulado dia havia muito tempo. «Meu quarto», disse ela. Jack e Ivy levaram para lá a cama dela, e Ann ali dormiu toda contente na noite seguinte.

Dentro de pouco tempo, completou 12 anos. Fisicamente, estava perfeita. Era alta para a idade, tinha um lindo tom de pele e uns grandes olhos azuis e estranhos. Sua voz havia adquirido um tom surpreendente – suave, mas agora bastante mais agradável. Uma voz

assim é das coisas mais agradáveis de ouvir numa garota simpática.

O estudo ocupava todos os minutos de Ann. Inundava as pessoas com perguntas, algumas delas extraordinariamente inteligentes, outras tão confusas que mal se podiam compreender. Tudo tinha de ser respondido; Ann exigia-o. Fazia a toalete e se vestia sozinha. Conseguia mencionar seu nome e endereço a quem os perguntasse. Usava garfo e faca com facilidade e sabia amarrar os sapatos.

Certa vez, entrou num dos seus períodos de alheamento, sem falar com ninguém durante dias, e ficando sentada na cadeira de balanço pequenina. Foi a última vez. Quando saiu da crise, voltou-lhe a tagarelice; a cadeira foi esquecida para sempre e sua ânsia de aprender tomou um novo impulso.

«Ann cabeçuda»

NUM teste de leitura, ficou demonstrado que Ann tinha uma capacidade de sete positivo. «Um progresso notável», disse George Glover, «sobretudo quando nos lembramos de que muitos adultos nunca chegam a ultrapassar o nível nove.» Jack e Ivy ficaram encantados quando o médico lhes disse que ela estava habilitada a entrar na escola de adultos (subnormais).

A mudança, porém, se revelou um triste fracasso. A nova escola era maior, com centenas de crianças entre os 11 e os 16 anos, e logo se verificou que Ann necessitava

de mais atenção pessoal do que aquela que os professores, sobrecarregados, lhe podiam dar. Embora fosse aplicada nos deveres, não estava preparada para enfrentar a brutalidade e a desordem do *playground* – ou que lhe chamassem nomes. Ivy ficou em prantos no dia em que a filha chegou a casa repetindo: «Ann cabeçuda, Ann cabeçuda.»

Na verdade, ela ainda tinha suas peculiaridades. Fazia caretas horríveis, tinha ocasionais acessos de gritos e por vezes ria à toa. Anos mais tarde, num desvendar repentino dos segredos que trazia ocultos na mente, Ann lembrou-se desses estranhos ataques de riso. «Havia ursinhos de brinquedo andando pelas paredes e dançando», contou ela aos pais. «Eram tão engraçados. Eu ria e ria.»

Inevitavelmente, as crianças fizeram dela alvo das brincadeiras. Em seu desejo inocente de participar do grupo, Ann, não compreendendo, ria de si própria. Depois, como a brincadeira ia longe de mais, ela reagia mas de maneira errônea. Quando provocada, soltava guinchos e berros, puxava o cabelo, rasgava as roupas e se atirava ao chão com raiva.

Desgostosos, Jack e Ivy tiraram-na da escola durante algumas semanas; depois, mandaram-na de volta. Por alguns meses, tudo parecia normal, mas a luta ia recommear. Ficaram nisso por quase dois anos. Por fim, o diretor mandou chamar os pais. Os ataques de

raiva e os estranhos espasmos de Ann estavam tendo efeito prejudicial nas outras crianças. Ela teria que sair da escola.

De certa forma, foi um alívio. Então, perante a insistência impetuosa de Jack, o diretor conseguiu maneira de Ann continuar a estudar. Arranjou-lhe uma professora particular.

Alargando os círculos

A PROFESSORA, Miss Evans, vinha dois dias por semana, e de cada vez dava um trabalho para Ann fazer até a visita seguinte. (Na verdade, ela os aprontava logo no outro dia.) Ann afeiçãoou-se a Miss Evans, e sua sede de conhecimentos tornou-se obsessiva. Como é que se escreve esta palavra? Qual a sua origem? Os pais, por vezes, viam-se em dificuldades para lhe dar uma resposta certa.

Tanto Leonard como Leslie tinham-se tornado rapazes atraentes e fortes, sempre prontos a entrar em qualquer brincadeira mais violenta; com Ann, porém, eles mostravam-se brandos, protetores e profundamente dedicados. Por isso, Jack e Ivy ficaram surpreendidos com o seu comportamento durante as férias que passaram de novo em Blackpool.

Desta vez, o tempo não estava muito bom, mas, depois de dois dias de chuva fina, o sol brilhou. Os meninos vestiram *shorts* e foram para a praia. Ann, também, pôs o maiô por baixo do vestido,

sem dizer nada a ninguém, embora nunca o tivesse usado antes. Quando os rapazes tiraram as roupas, ela fez o mesmo e foi-se juntar a eles, que começaram logo a salpicá-la. Jack correu para os filhos, gritando zangado, mas parou. Ann estava soltando gritos de alegria e tentava também atirar-lhes água. Os meninos conheciam Ann tão bem como os pais (talvez melhor) e estavam fazendo todo o possível para tratá-la como uma adolescente normal. Jack e Ivy passaram o resto das férias felizes, vendo os filhos brincando juntos no mar.

De volta a casa, o diretor de educação, desgostoso, disse a Jack e Ivy que, devido à escassez de professores e à extensão da lista de espera de crianças excepcionais, Ann não podia mais ter professora particular depois dos 16 anos. Jack e Ivy não poderiam pagar. Assim, na semana que seguiu o 16.º aniversário de Ann, sua educação acabou de vez.

Jack, que agora era um leitor voraz, tomou o lugar da professora, concentrando-se nos assuntos que Ann tinha tanta ânsia de aprender — desde ler, contar e escrever a geografia e conhecimentos gerais. Ivy dedicou-se a ensinar-lhe tudo sobre trabalho doméstico. Foi um momento de orgulho quando Ann, sozinha, preparou sua primeira refeição: rosbife com legumes.

Logo, a menina completou 17 anos, vendo os outros jovens da

sua idade irem ao cinema, a bailes e ao restaurante. Ela estava desejosa de se juntar a eles, mas, embora a maior parte de seus atos já fossem normais, havia ainda muitas coisas que ela não compreendia, e os estranhos, sem saberem as razões por que fazia essas perguntas, achavam que as conversas de Ann eram pueris e ridículas.

Jack e Ivy estavam começando a perder a esperança de encontrar amigos para a filha. Então, Kathy, uma jovem senhora casada que morava do outro lado da rua, foi fazer-lhes uma visita. Kathy tinha cinco filhas que estavam na escola. Dispunha de tempo para dedicar a Ann, e as duas se tornaram grandes amigas. Kathy tratava Ann como uma irmã mais nova, falando-lhe sobre a adolescência, seus perigos e ciladas. Ensinou a Ann a se maquilar e ela tornou-se perita nisso.

Com a ajuda de Kathy, Ann encontrou um novo objetivo: tornou-se a dedicada «tia» de suas filhinhas. Jack pensou que o coração lhe iria estourar de orgulho quando viu que Ann começara lhes ensinando a distinguir palavras e figuras em seus livros. Ann estava ensinando alguém!

O círculo de amizades de Ann ia aumentando. Kathy e o marido apresentaram-na a outros casais, e eles logo lhe abriram o coração. Ia com eles ao cinema e a bailes. Estimulada pela ajuda e os conselhos deles, seu conhecimento do mundo aumentou. Estava ten-

tando quebrar a mais dura das cascas: começara a expulsar o demônio do autismo de sua mente.

Recuperação

OS PROGRESSOS de Ann foram avaliados no dia em que Jack decidiu redecorar seu quarto de dormir. Insistiu em escolher, ela mesma, o papel da parede e a cor da tinta. Pediu a Jack que a deixasse ajudar e, após umas horas de aprendizagem, estava pintando e colando como um profissional. Quando Jack percebeu que o papel da parede não chegava, Ann quis ir à loja comprar outro rolo.

Até aquele dia, ela nunca tinha andado sozinha de ônibus, mas insistiu tanto que Jack e Ivy a deixaram ir. De certo modo, foi um dos momentos mais importantes de sua vida. Depois de passada uma hora, Jack não conseguiu conter sua ansiedade e saiu à procura dela. Encontrou-a passeando pela rua com um rolo de papel debaixo do braço. Tinha voltado a pé para economizar o dinheiro do ônibus!

A partir desse dia, teve permissão de sair sozinha sempre que quisesse. Isso, porém, não foi o suficiente – pouco tempo depois já estava irrequieta. Todos os jovens de sua idade tinham emprego, e ela também queria arranjar um. Quando Leslie conseguiu se empregar numa fábrica, Ann explodiu de indignação. Por que é que permitiam a seu irmão *mais novo* ir trabalhar e a ela não?

Falaram-lhe sobre autismo, o distúrbio que a perseguira desde que nasceu. Por causa de sua enfermidade, perdera muitos anos da infância, e não era possível trabalhar enquanto não se recuperasse. Foram necessárias semanas de pacientes explicações para esclarecer-lhe tudo, mas, embora ela aceitasse aquilo que lhe diziam, não concordava muito com as conclusões deles.

Um dia, Ann foi ao quarto dos pais às duas da manhã e os acordou. Sentou-se à beira da cama e disse-lhes que sabia ler tão bem como Leonard e Leslie; que sabia escrever *melhor* do que eles; que sabia cozinhar, limpar o pó, coser, fazer compras – tudo coisas que eles não sabiam fazer bem. «Quero trabalhar quando fizer 21 anos», disse – e não foi para a cama enquanto não conseguiu arrancar a Jack e Ivy a promessa de concordarem com a idéia.

Nesse ano de 1970, o autismo foi insistentemente levado à presença do público britânico através de programas de televisão e de muitos artigos em revistas. Os anseios de Jack e de Ivy foram ao encontro dos de outros pais, e ambos decidiram ingressar num grupo filiado à Sociedade Nacional Para Crianças Autistas para lhes contar os êxitos que tiveram com Ann. Esta também assistia às reuniões, ajudava a preparar o chá e servia os biscoitinhos. «Eu sou autista», dizia ela, «e estou decidida a combater meus problemas.» Ao ver as

outras crianças afetadas, Ann compreendeu como estivera doente.

Num artigo sobre ela e seus pais, que apareceu no jornal *City Reporter*, de Salford, vinha mencionado o desejo de Ann de trabalhar num escritório, e a promessa de Jack e Ivy de lhe comprarem uma máquina de escrever quando pudessem. O artigo suscitou a oferta de duas máquinas de escrever. Uma das generosas doações veio de um jovem, Peter Martin, que trabalhava numa fábrica de material de escritório. Ao saber do caso de Ann, a empresa arranjou maneira de lhe oferecer uma máquina de escrever elétrica, e Ann andava agora obcecada com a datilografia. Revelou-se tão hábil que a levaram a visitar os escritórios da firma e lhe deram lições de datilografia, arquivística e secretariado em geral. Radiante, Ann estava ansiosa por começar a trabalhar.

Como ainda ela caminhasse de modo desajeitado e com dificuldade, Peter Martin arranjou-lhe um curso numa agência de modelos de que era sócio. Embora se tratasse de uma firma muito movimentada, as jovens modelos sempre achavam tempo para ensinar aquela moça alta, tímida e descontrolada a se mover com graciosidade; também lhe fizeram compreender a importância da pose. Jack, Ivy e os irmãos estavam espantados com a mudança. Ela emagrecera, usava roupas mais elegantes, e sua capacidade de falar havia ultrapassado toda expectativa.

Por essa época, a jovem, que anos atrás fugira ao ver um ônibus, só pensava em ir sozinha até a cidade – e costumava sair à noite, a convite de amigos.

Certa vez, anunciou que iria ficar numa boate até depois da meia-noite, sem outro familiar a acompanhá-la. Jack e Ivy tiveram de prometer que não ficariam acordados à espera. Ela teria uma chave só para si e entraria sozinha. Nessa noite, jantou e dançou até altas horas, cativando todos que a viram. Quando chegou a casa, subiu pelas escadas correndo e se atirou ao pescoço de Ivy. Desde então, teve licença de ficar com a chave. Já completara 19 anos.

Ann estava agora indecisa sobre se havia de ser modelo, se trabalharia num escritório ou se iria ajudar outras crianças autistas. Não havia dúvida de que ela já estava pensando por si própria, tal como o descobri quando me encontrei com os Hodges pela primeira vez. Um jornalista amigo, que os conhecia através da Sociedade Nacional Para Crianças Autistas, mostrou-me o diário de Jack com os progressos de Ann, e eu pensei que o mundo estaria interessado em conhecer sua história. Tivemos uma longa entrevista com eles. Não foi fácil persuadir a família a expor seus segredos mais íntimos à curiosidade e à crítica de estranhos. Teria a publicidade efeito nocivo sobre Ann? Era um assunto importante e os Hodges precisavam de refletir sobre ele.

Soube depois que tiveram uma dessas reuniões de família a que se haviam acostumado ao longo dos anos. Esta, porém, era diferente. Pela primeira vez, Ann tomou parte nela. Perguntaram-lhe se queria que contassem sua história, e a decisão, quando foi tomada, partiu somente dela.

ESTA história não termina aqui. Hoje, Ann Hodges, já com 24 anos, tem namorado – um rapaz que ficou tão emocionado com sua história, quando foi revelada em 1973, que lhe escreveu. Depois de uma longa troca de correspondência, acabaram por se encontrar. Ela agora é datilógrafa e faz pequenos serviços numa agência de modelos em Manchester. No entanto, não esqueceu o que foi e ainda se comove profundamente com a situação difícil das crianças autistas menos afortunadas do que ela.

Sua história tem sido traduzida para várias línguas, e ela guarda religiosamente cartas que lhe chegaram do mundo inteiro. Apareceu em programas de televisão na Grã-Bretanha e na Irlanda, assim como deu entrevistas no rádio. Tem consciência de que sua história é uma fonte de esperanças para muitas pessoas. Uma delas foi a mãe de uma garota de 18 anos, autista, que vivia numa cidadezinha do Yorkshire. A moça nunca falara, até a mãe lhe ler a história de Ann. Dias depois, emitiu sua primeira palavra: «Ann.»

Jack e Ivy estão convencidos de que um dia Ann será uma ótima esposa e mãe de família. Isso será para eles o fim feliz de uma memorável história que começou quando um casal normalíssimo se recusou a acreditar que a filha fosse incurável, decidindo ajudá-la a encontrar-se e ao mundo.

PELÉ: um rei em Nova York

Quando o extraordinário Pelé – considerado o maior jogador de futebol de todos os tempos – abandonou o gramado e pendurou as chuteiras, o público brasileiro vestiu luto. Ondas de protesto se avolumaram na imprensa brasileira quando o famoso futebolista resolveu voltar a jogar – num time norte-americano! Pelé, o grande ídolo, seria apenas um astuto financista?! Agora é a vez de sabermos o que os norte-americanos acham desse discutido campeão. Não deixe de ler no próximo número de «Seleções» o artigo de Warren R. Young sobre Pelé.

Entre Aspas

SORTE tem o homem que não a inclui em seus planos. – McN. S.

UMA criança nasce com necessidade de ser amada, e nunca deixa de senti-la. – F. A. C.

CERTAS pessoas parecem ficar nostálgicas a respeito de uma porção de coisas das quais a princípio até nem gostavam. – W. C.

SE VOCÊ quiser realmente guardar um segredo, não precisa da ajuda de ninguém. – O. A. Carping

UM dos aspectos em que os sexos são iguais é em pensarem que não o são. – F. P. J.

A ANSIEDADE é o imposto de renda da civilização. – Citado por AP

DEUS esconde as coisas colocando-as bem pertinho de nós.
– *Presbyterian Church Bulletin*

PROVAVELMENTE, não nos preocuparíamos com o que os outros pensam de nós se soubéssemos quão raramente o fazem. – O. M.

IMPORTUNO é o sujeito que teima em defender seus pontos de vista depois de nós o termos elucidado com os nossos. – M. S. F.

AMABILIDADE é a linguagem que o surdo pode ouvir, e o cego ler.
– Mark Twain

ALGUMAS pessoas acham que é a persistência que nos torna fortes, mas, por vezes, é a negligência. – S. R.

O SUCESSO faz à vida aquilo que o sol faz aos vitrais. – B. T.

DESDE que você tenha uma janela, a vida é excitante.
– G. T., *Country Chronicle*

AS PESSOAS que deixam de fumar geralmente adquirem outro hábito: o de vangloriarem-se disso. – *The Better Way*